

# O “Reinado de mil anos”

## Uma interpretação de Ap 20,1-6

### *Resumo*

*Este artigo expõe uma interpretação de Ap 20,1-6 na forma de uma “questão disputada”. Ele responde, sobretudo, à questão se o “reinado de mil anos” é um determinado período na história da Igreja, mais ou menos perto do fim de toda a história da salvação. A resposta é um claro e bem fundamentado “sim”. Além disso, responde à questão do significado desse período na história da Igreja. Esta resposta não pode ser tão clara como a primeira. Em todo caso, a “primeira ressurreição” não se deve entender como uma ressurreição corporal. A base para poder dizer algo sobre a situação dos homens na terra, no período do “reinado de mil anos”, é simplesmente e somente o acorrentamento e a prisão do Diabo, da principal potência espiritual maligna, de modo que não pode mais “seduzir as nações”, como fez antes. Deverá, portanto, ser um período de paz, antes da última grande perseguição da Igreja (Ap 20,7-9).*

### *Summary*

*This article presents an interpretation of Apoc. 20,1-6 in the form of a “disputed question”. It responds, above all, to the question of whether the “thousand year reign” is a determined period in the history of the Church, more or less near the end of the whole of salvation history. The response is a clear and well-founded “yes”. Beyond this, it responds to the question of the meaning of this period in the history of the Church. This response cannot be as clear as the first. In any case, the “first resurrection” should not be understood as a corporal resurrection. The basis of being able to say something about the situation of men on earth during the period of the “thousand year reign” is simply and only the chaining and the prison of the Devil, of the principle evil spiritual power, in such a way that he can no longer seduce the nations as before. It will be, therefore, a period of peace, before the great final persecution of the Church (Apoc. 20,7-9).*

A interpretação do reinado de mil anos, do qual fala o livro do Apocalipse no capítulo 20 (“reinarão com Cristo durante mil anos”), é contravertida. Uma pergunta fundamental a ser respondida na interpretação deste trecho do Apocalipse é a seguinte: O reinado de mil anos é um *determinado período na história da Igreja*, mais ou menos perto do fim de toda a história da salvação, ou se refere a toda a história da Igreja, com exceção da última grande perseguição?

Esta é a pergunta à qual procuramos dar uma resposta fundamentada. No entanto, não será possível dar esta resposta sem entrar, ao mesmo tempo, na questão do que significa “*reinar com Cristo*” (Ap 20,4.6).

Tratando-se de uma “questão disputada”, uma maneira apropriada de apresentar a nossa interpretação pode ser exatamente aquela das “*quaestiones disputatae*” da teologia escolástica (p. ex., de São Tomás de Aquino). Este método consiste em

- primeiro apresentar os argumentos que falam, de um ou outro modo, *contra* a tese que, de fato, será exposta.
- Em seguida, se apresentam um ou mais argumentos mais ou menos decisivos *a favor* da tese (“*sed contra*” – “*mas, ao contrário*” do que foi apresentado anteriormente).
- Segue, então, uma *exposição* da tese.
- Finalmente, *se responde* a cada um dos argumentos apresentados inicialmente contra a tese exposta.

### **Questão:**

A nossa pergunta é, portanto, esta: O reinado de mil anos de que fala o capítulo 20 do Apocalipse é um *determinado período* na história da Igreja *mais ou menos perto do fim de toda a história da salvação*?

### **Argumentos:**

1. Parece que não, pois o “*milénarismo*”, que afirma haver antes do fim do mundo uma vinda visível de Cristo e uma ressurreição corporal de certos mártires cristãos, e que Cristo reinará na terra com esses ressuscitados durante mil anos, não encontrou, em geral, uma aceitação na Igreja Católica, embora tivesse sido ensinado por Padres da Igreja, como, p. ex., Santo Irineu (*Adv. haereses*, V,32-36).

2. Além disso, o Magistério da Igreja também não aceitou o assim chamado “milenarismo mitigado”. No dia 21 de julho de 1944, o Santo Ofício fez o seguinte decreto: “Pergunta: O que pensar do sistema do milenarismo mitigado que ensina que Cristo, o Senhor, vai, antes do juízo final, vir visivelmente nesta terra para reinar, – sem ou com ressurreição prévia de vários justos? Resposta: O sistema do milenarismo mitigado não pode ser ensinado com segurança (*tuto doceri non posse*).”<sup>1</sup>
3. Santo Agostinho ensinou que o reinado dos mil anos, de que fala *Ap 20*, indica – não um determinado período na história da Igreja, mas – *todo o tempo da Igreja* aqui na terra. Também ensinou que a “primeira ressurreição” (*Ap 20,5.6*) é a entrada na *vida da glória* no céu, como acontece com os mártires e os outros fiéis que faleceram como membros vivos de Cristo, como *também a vida da graça* que já recebemos aqui na terra, através do batismo, ressurgindo assim da morte do pecado (*De civitate Dei*, 20,9-10).
4. Se houvesse um reinado de mil anos em que o Diabo não pudesse mais tentar os homens, estes iriam viver, em tal período, numa *condição totalmente diferente* daquela que, em geral, está descrita nos livros da S. Escritura (do NT); cf. *1 Pd 5,8-9*: “Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o Diabo, anda em derredor como um leão que ruge, procurando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé”.
5. Aquela prisão do Diabo de que fala *Ap 20,2-3* parece ter sido realizada já pela vinda e pelo *mistério pascal de Jesus Cristo*. Isto se deduz de *Mc 3,23-27*: “... Mas ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo; só então poderá saquear a sua casa.” Igualmente, *Lc 10,17.19*: Jesus deu aos Seus discípulos poder sobre os demônios. Em *1 Jo 3,8*, o Apóstolo São João escreve que Jesus veio para destruir as obras do Diabo. Em *2 Ts 2,6*, São Paulo fala de algo ou alguém que detém o “Homem da iniquidade”, “para que não seja manifestado senão no devido tempo”, dizendo ainda: “Porque o mistério da iniquidade já está em ação; basta que seja afastado aquele que o retém agora” (v. 7). Portanto, o mistério da iniquidade ainda está sendo retido (acorrentado) até que seja afastado aquilo que o retém. Ora, isto pode

---

<sup>1</sup> Cf. DS 3839; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 676.

muito bem ser aquilo de que fala *Ap* 20,3.7-8.<sup>2</sup> Também *Cl* 2,13: “De fato, Ele nos arrancou do poder das trevas, para nos transferir para o Reino de Seu Filho amado”. *Ap* 12 apresenta a derrota do Diabo em relação de causalidade com o mistério pascal de Cristo (*Ap* 12,10-11; cf. *Jo* 12,31; 16,11; *Lc* 10,18).

6. Se em *Ap* 20,4-6 se trata dos mártires do combate da Fera contra os fiéis de Cristo e, portanto, a prisão do Diabo não se refere ao tempo da realização do mistério pascal de Cristo (isto é, a todo o tempo da Igreja), o reinado de mil anos pode referir-se ao tempo da Igreja *depois da sua “ressurreição” das perseguições pelo Império Romano* (a paz de Constantino e a influência dominante da Igreja em todos os povos na Europa). Portanto, a Fera e o falso profeta têm que ser interpretadas como sendo o *Império Romano* com sua *religião pagã* (culto a ser prestado aos imperadores). Depois desse tempo de reinado dos fiéis de Cristo, o Diabo é solto por algum tempo.
7. Os fiéis cristãos *reinam com Cristo* não somente num determinado tempo pelo fim do mundo, mas *já desde a glorificação de Cristo* (ascensão aos céus, pentecostes). Pois a Igreja aqui na terra já é um começo do Reino de Deus, e já participamos da realeza de Cristo (cf. *Ap* 1,6.9; 12,10). Por conseguinte, aquela participação dos mártires no reinado de Cristo não é algo exclusivo do “reinado de mil anos” (entendido este como um determinado período dentro da história da Igreja), mas é uma realidade de *todo* o tempo da Igreja. Ora, sendo assim, o “reinado de mil anos” é uma realidade que se estende a *todo o tempo da Igreja*.
8. A “primeira ressurreição” de que fala *Ap* 20,5-6 é a entrada na glória e a participação no domínio régio de Cristo por parte daqueles que foram martirizados no tempo do combate anticristão da Fera e do falso profeta (cf. *Ap* 20,4). Ora, a Fera não precisa ser somente um “anticristo” no período final da história da Igreja, mas pode ter e tem “antecessores” de alcance menor (cf. *1 Jo* 2,18.22 e *2 Jo* 7, com *1 Jo* 4,3.6; também *2 Ts* 2,3-12<sup>3</sup>). Assim, há no tempo da Igreja, desde sua fundação, sempre de novo *mártires* (tempo de perseguição) como também períodos de relativa *paz* e de *florescimento* da

---

<sup>2</sup> “Depois disso ele deve ser solto por pouco tempo.” “Quando os mil anos estiverem completos, Satanás será solto da prisão, e sairá para seduzir as nações...”.

<sup>3</sup> O “mistério da iniquidade” já está em ação, mas o “Iníquo” virá só mais tarde, pelo fim do mundo.

vida da Igreja. Sempre de novo, há, portanto, mártires que entram na glória e reinam com Cristo (no céu). Por conseguinte, pode-se, neste sentido, afirmar que há *sempre de novo períodos* na história da Igreja que trazem *características do “reinado de mil anos”*, e este reinado é, por isso, extensivo a *todo o tempo da Igreja*.

9. Se se entende a prisão do Diabo (*Ap 20,1-3*) como acontecendo depois de o “Cavaleiro” (Cristo) com Seu exército celeste ter vencido a Fera e o falso profeta com os “reis da terra”(cf. 19,19-21), parece que se deve concluir que haverá uma *vinda visível* de Cristo na terra, derrotando as forças inimigas, *já antes* do final da história, ou seja, antes do período do reinado de “mil anos”. Se, no entanto, essa vitória de Cristo e dos Seus Anjos *não* se deve entender como uma *vinda visível* de Cristo na terra, surge outra dificuldade. Pois isto parece opor-se à afirmação do Apóstolo Paulo em *2 Ts 2,8*: “Então se vai manifestar o Iníquo. E o Senhor Jesus vai destruí-lo com o sopro de Sua boca<sup>4</sup> e o aniquilará *pela manifestação da Sua vinda*.” Isto quer dizer que o “Iníquo” ou o “Anticristo” será aniquilado pela *vinda visível* de Cristo (no final do tempo).

### **Porém:**

O livro do Apocalipse fala claramente de **dois prazos** para a *atividade sedutora* do Diabo. O primeiro prazo é *antes* dos “mil anos”<sup>5</sup>, enquanto o segundo prazo é *depois* dos “mil anos”<sup>6</sup>.

Ora, o *primeiro prazo* é aquele tempo em que o Dragão atua particularmente através das *duas feras* (a Fera e o “falso profeta”; cf. 16,13; 19,20; 20,10), isto é: aquela atividade sedutora e perseguidora que é descrita *a partir de 12,17*. É realmente assim, pois o que, em 20,4 é dito daqueles que reinarão durante os “mil anos”,<sup>7</sup> pressupõe necessariamente que tal

---

<sup>4</sup> *Ap 19,21* fala da “espada que saía da boca do Cavaleiro”.

<sup>5</sup> Cf. 20,2-3: “Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente, que é o Diabo, Satanás. Acorrentou-o por mil anos ... para que não seduzisse mais as nações, até que se completassem os mil anos.”

<sup>6</sup> Cf. 20,3.7-8: “Depois disso ele deve ser solto por pouco tempo. ... E quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão. Ele sairá para seduzir as nações dos quatro cantos da terra”.

<sup>7</sup> São “as almas dos que foram decapitados ... e os que não tinham adorado a Fera, nem sua imagem, nem tinham recebido na fronte ou na mão a marca da Fera.”

atividade das duas feras precedeu os “mil anos”, quer dizer: precedeu o acorrentamento do Dragão descrito em 20,2-3.

Isto se deduz também do que está escrito em 20,10: quando o Diabo é, afinal, lançado no “lago de fogo e de enxofre”,<sup>8</sup> a Fera e o falso profeta já se encontram nesse lago. Daí se deve concluir que a derrota da Fera e do falso profeta, descrita em 19,19-21, e a prisão do Diabo no “abismo” (20,2-3) estão ligadas entre si. – Não é verdade, portanto, que não há uma linha de continuação intrínseca entre o fim do cap. 19 e o começo do cap. 20.

Por conseguinte, o reinado de mil anos não se realiza antes, mas *depois* da *derrota da Fera e do falso profeta* e *antes* do *segundo prazo* para o Diabo.

Ora, a atividade da Fera situa-se no tempo da Igreja. Se, portanto, o reinado de mil anos vem *depois* da derrota da Fera e *antes* do segundo prazo, isto é, o prazo concedido ao Dragão para o último grande ataque contra a Igreja, este reinado deve referir-se a um *período dentro da história da Igreja mais ou menos perto do fim desta história*.

### **Resposta:**

Para responder à pergunta pelo *período* em que se verifica o “reinado de mil anos” e pelas *características* desse reinado, é necessário esclarecer primeiro o seguinte:

O Apocalipse descreve – por imagens, isto é, visões, como que pintando um grande e grandioso quadro – os acontecimentos do *tempo final* da Igreja, e não propriamente e como tema principal o tempo de São João, autor do Apocalipse. O foco do seu olhar (das visões que ele teve) é: como a Igreja (toda a história da salvação) é *levada à consumação*, à sua perfeição final, através do juízo – não somente o juízo final no próprio fim do mundo, mas já na história que precede esse fim.

Isto vale particularmente a partir das sete trombetas (8,2ss) e do capítulo 10. O que é apresentado no *cap. 11* não se refere diretamente a vários episódios na história da Igreja (sempre de novo: renovação da Igreja depois de um tempo de decadência), nem ao tempo em que foi escrito o Apocalipse (ou até pouco tempo depois). A referência ao *período final*

---

<sup>8</sup> Antes (20,2-3), ele foi lançado no “abismo”, não já no “lago de fogo e de enxofre”.

do combate da Igreja no mundo é clara demais (o cap. 11 antecipa já o que será dito no cap. 13<sup>9</sup>). Sem dúvida, pode haver certas *antecipações*, mas o acontecimento como tal não se pode repetir muitas vezes, e o(s) acontecimento(s) a que se refere o cap. 11 é do período final da Igreja rumo à sua consumação; não é do período inicial.

Na estrutura do livro do Apocalipse, os capítulos 10 e 11 têm uma posição e função análogas ao capítulo 7. Como depois da abertura do sexto selo<sup>10</sup> seguiu-se (antes de falar da abertura do sétimo selo) uma *visão dupla* (cap. 7) para confortar os cristãos, em vista das futuras tribulações, pela certeza do auxílio divino<sup>11</sup> e pela esperança segura da salvação eterna,<sup>12</sup> assim também depois da sexta trombeta segue (antes de falar do toque da sétima trombeta) uma *visão dupla* preparatória. As duas partes deste trecho são as seguintes:

1. Capítulo 10: uma introdução às visões a respeito do período final do desenvolvimento da história do Reino de Deus na terra até a vitória e consumação final (cf. 10,7<sup>13</sup>): São João recebe de novo a missão de profeta quanto a esses acontecimentos.
2. 11,1-13: uma *visão dupla* que exprime a proteção da Igreja naquela grande tribulação que ela haverá de sofrer.

Como o capítulo 7, também o capítulo 11 (vv. 1-13) tem, portanto, a função de fortalecer a confiança, assegurando a proteção divina (vv. 1-2: João deve *medir o templo* ou *santuário*, isto é, a *Igreja*), como também de fortificar o ânimo de combate até o martírio, dando a expectativa segura da vitória e eterna glorificação (vv. 3-13: as *duas testemunhas*).

Para isso, na segunda parte (vv. 3-13), já se faz *referência clara à situação descrita no capítulo 13*.<sup>14</sup> A imagem das duas testemunhas é uma espécie de visão de conjunto sobre a grandeza do combate que a Igreja

---

<sup>9</sup> Cf. 11,7 e 13,7; veja abaixo a nota n. 13.

<sup>10</sup> Ai já se fala do “Grande Dia da Sua ira, e quem poderá manter-se de pé?” (6,17).

<sup>11</sup> O auxílio divino é assegurado pelos santos Anjos que selam os servos de Deus (7,1-8).

<sup>12</sup> Trata-se da visão dos vencedores na felicidade diante do trono de Deus (7,9-17).

<sup>13</sup> 10,7: “Nos dias da voz do sétimo Anjo, quando ele tocar a trombeta, vai-se realizar plenamente (ἐτελέσθη) o plano secreto de Deus (“o mistério de Deus”), que Ele anunciou aos Seus servos, os profetas.”

<sup>14</sup> Cf. 11,7: “Quando elas terminarem o seu testemunho, a fera que sobe do Abismo vai combater contra elas, as vencerá e as matará”. 13,7: “Foi-lhe permitido combater contra os santos e vencê-los”.

terá de sustentar, na qual, porém, será maravilhosamente socorrida. É neste contexto que pela única vez no Apocalipse se diz que, depois de uma catástrofe (castigo), os restantes *se converteram*, ou seja, “deram glória ao Deus do céu” (v. 13).<sup>15</sup>

Depois dessas visões preparatórias segue a sétima trombeta (11,15). Conforme 10,7, a sétima trombeta refere-se ao tempo em que se realizará plenamente “o mistério de Deus”, isto é, Seu plano de levar toda a história da salvação à sua consumação final. Por isso, há primeiro os cânticos celestes sobre o reinado vitorioso de Deus (11,15-18) e um olhar para dentro do estado de consumação (11,19: “Abriu-se o Santuário de Deus que está no céu e apareceu no Santuário a arca da Sua Aliança”), que, mais tarde, será mostrado mais detalhadamente (cap. 21-22).

Antes das imagens (visões) dramáticas a respeito de “numerosas nações, povos, línguas e reis” (10,11), é manifestado a São João o *fundo meta-empírico* e as *forças atuantes* que permitem entender o *combate gigantesco* que a Igreja de Cristo tem de enfrentar e suportar. Para isso, manifesta-se, numa visão muito ampla e em linha de princípio, o mistério da Igreja<sup>16</sup> dentro da história do mundo e o papel que Satanás exerce em tudo isso (12,1-17). Em 12,1-6, o mistério deste combate é exposto a partir das suas origens; em 12,7-12 são ilustradas, num nível supra-histórico, as consequências da obra redentora de Cristo para Satanás: a sua posição de poder sobre os homens (cf. v. 10: “acusador”) foi profundamente mudada; ele foi derrubado; os redimidos têm o poder de “vencê-lo” “em virtude do sangue do Cordeiro” e do seu testemunho até o derramamento do sangue, o martírio.

Isto já indica que essa *queda de Satanás* (12,8-9) não significa que agora ele não possa mais agir, que não possa mais desenvolver sua atividade sedutora e perseguidora. Pelo contrário, ao júbilo do céu junta-se um aviso para os que vivem na terra: “ai da terra e do mar, porque o Diabo desceu a vós cheio de raiva, sabendo que pouco tempo lhe resta” (12,12).

---

<sup>15</sup> Somente em 15,4 pode-se encontrar ainda algo comparável. Os *vencedores* entoam o “cântico de Moisés” e o “cântico do Cordeiro”, cantando: “... Senhor, quem não temeria e glorificaria o Teu nome? Só Tu és santo! Todas as nações virão prostrar-se diante de Ti, porque Tuas justas decisões se tornaram manifestas.”

<sup>16</sup> A figura da “Mulher”, na verdade, representa tanto o povo de Deus, como *Maria*, a Mãe de Cristo, e a Igreja.



Em 12,13-17 é mostrado, numa visão de conjunto concisa, o fato e o modo como a Igreja como tal é salva da destruição pelo furor do Diabo, o qual, por isso, passa a atacar os membros da Igreja na terra.

Esta *atividade do Diabo* é então descrita nos capítulos seguintes, especialmente no capítulo 13. Ele se serve particularmente de *dois auxiliares, as duas feras*, dos quais se fala a partir do capítulo 13.<sup>17</sup> Tal atividade é

- “*combater ... os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus*” (12,17), como também
- “*seduzir*” o mundo inteiro (cf. 12,9; 13,14; 19,20; 20,3).

Em 12,9, o Diabo, o grande Dragão, é chamado “o sedutor do mundo inteiro” (cf. 20,3). Em 13,14, se diz da segunda fera que ela “seduz os habitantes da terra” (cf. 19,20).<sup>18</sup> Da Fera (é a primeira fera; a segunda será chamada de “falso profeta”) se diz não somente que

- “*lhe foi dado poder sobre toda tribo, povo, língua e nação*”, mas até o seguinte:
- “*Foi-lhe permitido combater contra os santos e vencê-los*” (13,7).

É o que já antecipadamente foi dito no cap. 11, falando das duas testemunhas<sup>19</sup>: “Quando elas terminarem o seu testemunho, a fera que sobe do Abismo vai *combater contra elas, as vencerá e as matará*”(11,7).

Note-se também que o tempo indicado para a atividade da Fera é de “quarenta e dois meses” (13,5). É o mesmo tempo que é indicado, em 11,2, para a duração do domínio dos pagãos sobre a Cidade Santa: “não meças o pátio do lado de fora do Santuário. Ele foi dado aos pagãos que irão pisar a Cidade Santa durante quarenta e dois meses”. É também o tempo equivalente ao tempo da atividade das duas testemunhas<sup>20</sup> e da estadia da mulher no deserto.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Em 11,7, já se mencionava “a fera que sobe do Abismo”.

<sup>18</sup> Da “Babilônia” também se diz que ela seduz todas as nações (18,23).

<sup>19</sup> As duas testemunhas, mais provavelmente, designam a Igreja nos seus membros fiéis, ou seja, os que, de um modo peculiar, representam *Cristo* e aqueles que representam *Maria*, a “realização exemplar” (LG 63) da Igreja, Esposa de Cristo.

<sup>20</sup> 11,3: “Encarregarei, contudo, as minhas duas testemunhas de profetizarem, vestidas com roupas feitas de saco, durante mil duzentos e sessenta dias.”

<sup>21</sup> 12,6: “Então, a mulher fugiu para o deserto, onde tinha um lugar preparado por Deus, para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta dias.” Cf. também 12,14: “... deserto, onde ela é alimentada por um tempo, dois tempos e metade de um tempo, longe da serpente.”

Ora, toda esta atividade de seduzir o mundo inteiro e também de “combater contra os santos” tem *grande sucesso*. Os “habitantes da terra” deixam-se seduzir, e a Fera consegue “vencer os santos” e “matar” as duas testemunhas. Mas as duas testemunhas põem-se de novo de pé e sobem ao céu, isto é: depois do tempo muito escuro para a Igreja, depois da sua grande “sexta-feira”, quando tudo parecia perdido,<sup>22</sup> haverá uma “*ressurreição*”, *nova vitalidade, florescimento*. Aqueles que se deixavam seduzir e levar a combater contra “o Cordeiro”, serão afinal *vencidos pelo Cordeiro*: “combaterão contra o Cordeiro. O Cordeiro, porém, os vencerá, porque é Senhor dos senhores e Rei dos reis. E os que estão com Ele são os chamados, os escolhidos, os fiéis” (17,14; cf. também 16,13-16). A *batalha* é apresentada em 19,11-21. Nesta batalha as *duas feras são lançadas no inferno*, isto é, no “lago de fogo e de enxofre”, enquanto os seus sequazes são mortos.

Depois de apresentar o juízo sobre as duas feras, o Apocalipse diz também o que acontece com o Diabo (o Dragão, Satanás), o responsável principal, a principal potência infernal: ele é acorrentado e lançado no “Abismo”, não no “lago de fogo e de enxofre”<sup>23</sup>, “para que *não seduzisse mais as nações*” (20,1-3).

Isto quer dizer que antes – isto é, após sua queda descrita no cap. 12 – *ele seduzira as nações, através das duas feras*. A partir de agora não poderá mais seduzir as nações. Esta *sedução*, evidentemente, foi aquela descrita *a partir do capítulo 13*, conforme as palavras de 20,4: aqueles que reinarão com Cristo são “as almas dos que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus e que não tinham adorado a fera, nem a sua imagem, nem tinham recebido na fronte ou na mão a marca da fera”. Isto pressupõe que eles viveram no tempo da atividade sedutora e perseguidora das duas feras. Quer dizer que aquela sedução das nações que precede o “reinado de mil anos” (20,3 e 4), é a sedução pela Fera, portanto, aquela descrita a partir do capítulo 13.

---

<sup>22</sup> Indicam-se, como duração, “três dias e meio”; é um tempo da mesma qualidade dos quarenta e dois meses ou três anos e meio, mas com trevas mais densas; mas também é mais breve.

<sup>23</sup> Há diferença entre o “sheol” (Hades), o “abismo” (quanto a isso cf. 2 Pd 2,4 e Jd 6) e o “lago de fogo e enxofre” ou a *gena*.

*Terminou* assim o *primeiro prazo* para a atividade sedutora do Diabo.<sup>24</sup> Depois dos “mil anos” ele terá ainda um *segundo* prazo: “Quando os mil anos estiverem completos, Satanás será solto da prisão, e sairá para seduzir as nações dos quatro cantos da terra” (20,7-8).

Tendo chegado a este ponto da nossa interpretação, surge espontaneamente a pergunta:

*Qual é o significado do “Reinado de mil anos”?*

Querendo responder a esta pergunta, deve-se ter em mente o seguinte: a visão do reinado de mil anos deve ser explicada de tal modo que não haja uma contradição com outras afirmações claras da S. Escritura a respeito da ressurreição.

Muitos mal-entendidos surgiram pelo seguinte fato: a derrota das potências anticristãs (19,19-21) da parte de Cristo com Seu exército celeste (os santos Anjos) foi confundida ou totalmente identificada com a vinda de Cristo para o juízo final. É verdade que se pode entender essa derrota como uma intervenção de Cristo, manifestando-Se assim como rei dos reis e senhor dos senhores justamente no momento em que o Anticristo pensa estar no ponto culminante do seu poder. Esta intervenção, porém, não é ainda o juízo final, mas, por assim dizer, um prelúdio do mesmo. A cena do Cristo-cavaleiro está encerrada com a derrota dos inimigos.

O começo do “reinado de mil anos” *não* está, portanto, ligado (necessariamente) com uma *aparição visível* de Cristo na terra. Deve-se levar em conta o fato de se tratar, em 19,11-16, de uma visão simbólica; não é aquilo que os homens daquele tempo verão, isto é, não verão Cristo montado num cavalo branco, nem os Santos Anjos montados em cavalos brancos. Nesta visão, este detalhe dos cavalos aponta com toda a clareza para o caráter *inteiramente simbólico* desta visão<sup>25</sup>. Em seguida, justamente, não se diz que Cristo (com Seu exército) esteja na terra.

Também na interpretação do *capítulo 20* (vv. 1-6) deve-se prestar atenção ao fato de se tratar de uma *visão simbólica*. Portanto, a imagem não deve simplesmente ser identificada com a realidade, mas se deve reconhecer a realidade que é significada pela imagem.

A visão descrita nos versículos 1 a 6 se compõe de três partes:

---

<sup>24</sup> Cf. 12,12: “o Diabo desceu a vós cheio de raiva, sabendo que pouco tempo lhe resta”.

<sup>25</sup> O valor simbólico dos cavalos *brancos* é o da *vitória* (cf. 6,2).

1. vv. 1-3: “Depois disso, *vi* um Anjo ...”;
2. v. 4: “*Vi* então tronos ...”;
3. vv. 4-6: “*Vi* também as almas ...”.

A afirmação da primeira parte da visão é a seguinte: durante um determinado período, a humanidade será *livre da grande atividade sedutora do Dragão*, e a Igreja não será mais alvo dos seus ataques furiosos; seu regime nefasto, descrito a partir de 12,13, terá chegado ao seu fim, embora ainda não seja o fim definitivo. É significativo o fato de faltar uma visão do estado do mundo e da vida na terra durante esse período. No entanto, pode-se perguntar: *O que se pode concluir do “acorrentamento” do Dragão?* Que consequências terá para a Igreja e a humanidade?

Antes de responder a esta pergunta, continuemos, entretanto, a leitura do texto. A segunda parte da visão é descrita com uma só frase: “*Vi* então tronos, e os seus ocupantes sentaram-se e receberam o poder de julgar” (v. 4). Aqui não se trata já do juízo final, o juízo universal, que é o tema a partir do versículo 11 (“*Vi* depois um grande trono branco e quem nele estava sentado. ...”). São João não diz *onde* viu esses tronos, se na terra ou no céu. Pode-se pensar no que escreveu o Apóstolo Paulo aos Coríntios: “Será que ignorais que os santos julgarão o mundo?” (1 Cor 6,2; cf. Lc 22,30; Mt 19,28). Tudo indica que esta segunda parte da visão de Ap 20,1-6 se pode ou deve considerar em conexão com a terceira parte.

Nesta terceira visão, São João viu as almas daqueles *mártires* que, na perseguição por parte da Fera, provaram a sua fidelidade na fé e a selaram com seu sangue (cf. 13,7.10.15-18). A recompensa que recebem por isso consiste em que cheguem a *viver* e a *ter parte no reinado de Cristo*.

O que significa a afirmação que os mártires “*viveram*” (ἐζησαν), isto é, voltaram a viver? A interpretação desta expressão é de importância essencial e decisiva para a concepção do “reinado de mil anos”. Quando se diz que eles “*viveram*”, não significa a vida aqui na terra, a vida “na carne” (cf. Gl 2,20; Fl 1,22). O conceito da “primeira ressurreição” entende-se mal se for interpretado neste sentido. Não se trata da ressurreição do corpo. Quem participa da “primeira ressurreição” (vv. 5 e 6), sobre este a “segunda morte” não tem poder (v. 6). Ora, a segunda morte é o inferno (cf. vv. 6 e 14). Uma vez que a primeira ressurreição preserva do inferno, ela deve ser uma ressurreição *espiritual*, não uma ressurreição corporal.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> A ressurreição corporal não preserva da condenação eterna; cf. 20,15.

Por conseguinte, essa “vida” dos mártires precisa ser entendida como *bem-aventurada comunhão de vida com o Cristo glorioso*, à qual suas “almas” são recebidas já antes da ressurreição corporal geral.<sup>27</sup> São João fala, portanto, da *entrada na vida eterna* e da *participação no reinado de Cristo* (“viveram e reinaram com Cristo”).

Desta recompensa gozam tanto quanto dura a prisão do Diabo acorrentado no abismo. Isto quer dizer: da maneira como a recebem agora, esta recompensa não é ainda definitiva e plenamente consumada. A expressão “primeira ressurreição” indica que esse estado de bem-aventurança traz a característica de ainda ser, de alguma maneira, passageiro, não totalmente definitivo. Evidentemente, não quer dizer que, transcorridos os “mil anos”, a sua vida vai terminar. Na verdade, esta vida encontrará sua plena perfeição, quando – após o Diabo ter sido solto por pouco tempo e em seguida ter sido derrotado para sempre – a ressurreição corporal (que é, logicamente, a “segunda ressurreição”) lhes der a felicidade também quanto à união da alma com seu corpo (a felicidade do ser humano *todo*). Então, Cristo entregará o Seu Reino ao Pai, para que “Deus seja tudo em tudo”, como escreve São Paulo (*1 Cor 15,24.28*).

Está claro, portanto, que se trata de uma ressurreição das *almas*, não dos corpos. “Ressurreição das almas”, porém, não significa a ressurreição espiritual dos homens aqui na terra à vida sobrenatural, por meio da fé e do batismo (conforme *Jo 5,24-25; Rm 6,4*). *Ap 20,4* não fala das almas daqueles que vivem na terra, mas das “*almas dos que foram decapitados*”! Por isso, em seguida se diz: “Os outros mortos não chegaram a viver...”. Estes “outros mortos” são aqueles homens que durante o domínio da Fera seguiram a sua sedução e a ela aderiram.

O que é dito no v. 4 (a respeito das almas dos mártires) fica restrito ao grupo dos mártires do tempo de perseguição pela Fera, como também o v. 5 se restringe a um determinado grupo de pessoas – segundo os mesmos critérios do v. 4, – a saber: aqueles que fracassaram durante o período anticristão dos “quarenta e dois meses” (cf. 13,5). Os mártires e confessores, como também os inimigos de Deus em períodos anteriores, não se encontram dentro da perspectiva desta visão.

---

<sup>27</sup> Os verbos ἔζησαν e ἐβασίλευσαν têm a função de um aoristo de ingresso (“chegaram a viver” ou “a reinar”); o emprego do verbo “viver” em 20,4 pode-se comparar com *1 Pd 3,18*, que diz de Cristo: “Morto na carne, foi vivificado no espírito”.

Ora, da recompensa que *todos* os fiéis discípulos de Jesus receberão, o autor do Apocalipse já falou várias vezes. Nas palavras dirigidas aos “vencedores”, no fim das cartas às sete Igrejas, é prometida a todos eles a vida eterna, empregando várias imagens para descrevê-la. Eles *não sofrerão nenhum dano da “segunda morte”* (cf. 20,6; 2,11) e *participarão do reinado de Cristo* sobre o mundo (cf. 2,26-27; 3,21). Quanto ao conteúdo, portanto, trata-se da *mesma recompensa* que, conforme 20,4-6, recebem os vencedores no combate com a Fera.

A visão expõe, por conseguinte, um *exemplo particular*, que não tem significado *exclusivo*, mas *inclusivo* ou *geral*. Aliás, também a restrição temporal da recompensa aos “mil anos” só se pode entender do modo certo quando se leva em conta a perspectiva de toda esta visão, restrita a esse período.

Sendo assim, se poderia chegar à conclusão que o “reinado de mil anos” designa *toda a história da Igreja* até o juízo final, ao qual precederá imediatamente a atividade sedutora prescrita em 20,8, isto é, depois dos “mil anos”. A esta conclusão, porém, contradiz o seguinte fato, como, aliás, já vimos: a atividade sedutora de Satanás e de seus auxiliares, descrita nas visões do Apocalipse (cap. 12-13), *precede* o “reinado de mil anos”; não se pode identificar com aquela atividade sedutora descrita em 20,8, isto é, *depois* dos “mil anos”. Pois aquilo que é dito em 20,4<sup>28</sup> a respeito das almas dos mártires que reinarão com Cristo durante os “mil anos” pressupõe que a atividade sedutora e perseguidora de Satanás já se desenvolveu *antes do reinado de mil anos e no tempo da Igreja*. Portanto, o “reinado de mil anos” não se pode referir a *toda* a história da Igreja, mas somente a uma *parte* dela.

Além disso, se o reinado de mil anos abrange toda a história da Igreja, o *acorrentamento* de Satanás se deve ter realizado *no tempo da Páscoa de Cristo* (paixão-morte, ressurreição e ascensão) e aquela sedução que Satanás então não pode mais realizar, deve, portanto, ter acontecido no tempo *anterior* à obra redentora de Cristo. Ora, como poderia ter acontecido nesse tempo, ou melhor, como o livro do Apocalipse pode referir-se a esse tempo pré-cristão, se em 20,4 fala da recompensa dos fiéis *discípulos de Cristo*?! Pois em 20,4 se fala daqueles que foram fiéis a Cristo e não

---

<sup>28</sup> “Vi também as almas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus e os que não tinham adorado a fera, nem a sua estátua, nem tinham recebido na fronte ou na mão a marca da fera.”

se deixaram seduzir no tempo da grande atividade sedutora de Satanás e de seus dois auxiliares especiais.

Por conseguinte, fica somente esta possibilidade:

**O “reinado de mil anos” refere-se, dentro da história da Igreja, a um período mais ou menos perto do fim de toda a história da salvação.**

*Que características especiais terá este período?*

Para responder a esta pergunta precisamos lembrar-nos do seguinte: a visão que nos fala desse período compõe-se de *três* partes (20,1-3; 20,4a; 20,4-6). Somente da *primeira* parte da visão se pode tirar *consequências reais para a história terrena*. A segunda e mais particularmente a terceira parte da visão, sobre a qual se apoiaram principalmente as falsas ideias milenaristas, não nos indicam as situações concretas sobre a terra.

A conexão intrínseca entre a primeira parte e as outras duas partes da visão é provavelmente a seguinte: as outras duas partes são uma certa *interpretação* da primeira, interpretando o estado das coisas na terra que surge pelo acorrentamento de Satanás como uma *tomada de poder espiritual por parte de Cristo e dos Seus santos* após aquele enorme aumento de poder das potências infernais que havia antes.

Deve tratar-se, portanto, de um tempo de *paz*, depois do juízo (castigo) divino que é apresentado em 19,11-21; um tempo em que os homens que sobreviverem ao castigo *darão “glória ao Deus do céu”* (11,13). De fato, deve existir uma íntima ligação, até mesmo certa identidade, entre aquela conversão descrita em 11,13 e o “reinado de mil anos”. Isto se esclarece melhor quando se considera o seguinte:

Já apresentamos a posição de 11,1-14 dentro da estrutura do Apocalipse.<sup>29</sup> Também já mencionamos o fato de 11,13 ser o único trecho no Apocalipse em que se fala de uma conversão – em contraste, p.ex., com 9,20-21. Ora, é realmente significativo que tanto *antes desta conversão* (11,13), como também *antes do “reinado de mil anos”*, há aquele combate anticristão que é descrito a partir do capítulo 12 (cf. 11,7 e 20,4). Daí se pode, com razão, concluir que existe essa íntima ligação ou até identidade entre a *conversão descrita em 11,13* e o “reinado de mil anos”.

---

<sup>29</sup> É uma sintetizada e confortadora visão de conjunto sobre a sorte da Igreja na grande tribulação causada pelas potências infernais.

Também é interessante comparar a sucessão das visões em *Ez* 33-48 com *Ap* 20-21:

<i>Ez:</i>	<i>Ap:</i>
33,1-37,28: O juízo e a nova salvação (37,15-28: de novo a união de Israel e Judá)	cap. 6ss; 20,1-6: O juízo e o reinado de mil anos (de novo a união dos cristãos no tempo da paz?)
38-39: O combate de Gog (com muitos povos) contra Israel e a destruição de Gog pela intervenção de Deus	20,7-10: Gog e Magog (povos numerosos como a areia) contra a Igreja e destruição pelo fogo do céu
40-48: A visão do novo Israel	21: A visão da nova Jerusalém

Este tempo de paz deverá ser um tempo de *florescimento*, ou, melhor ainda, um tempo de colheita para a Igreja. Isto, porém, não significa certamente que não haverá mais *pecados*; pois não somente o Diabo, mas também o coração humano corrompido é fonte dos pecados. Além disso, o texto do Apocalipse não diz que não haverá mais uma influência demoníaca no mundo. O que é dito expressamente é simplesmente o seguinte: o Diabo não pode mais “seduzir as nações”. Ao Dragão, a antiga serpente, ao chefe das potências infernais, será impedida a atividade sedutora que abrange o mundo inteiro. Que ainda haja espíritos malignos sobre a terra que podem seduzir os homens, isto não está implicado na afirmação do acorrentamento do chefe de todos os espíritos malignos<sup>30</sup> “para que não seduzisse mais as nações”. Mas uma sedução em tão grande medida, abrangendo povos e o mundo inteiro, como também a grande perseguição dos fiéis cristãos, a grande apostasia de Deus, de Cristo e da Igreja (cf. 11,1-2) não haverá naquele período. A Igreja deverá brilhar como a *esposa acrisolada de Cristo*. O juízo que começou “com a casa de Deus” (cf. *1 Pd* 4,17; *Jr* 25,29; *Ez* 9-11), trouxe grandes benefícios

---

<sup>30</sup> Cf. em 12,7,9 a expressão “o dragão e seus anjos”.



para ela. Em todo caso, em 20,9, a Igreja é chamada de “*acampamento dos santos*” e “*a cidade amada*”. A tão desejada união de todos os cristãos poderá eventualmente realizar-se naquela altura, em vez de ficar a ser um grande desejo que nunca se realizará na história.

Difícilmente se poderá dizer mais a respeito da situação concreta na terra durante esse reinado de Cristo e dos Seus fiéis. Igualmente não se pode afirmar, com alguma certeza, algo a respeito da *duração* desse reinado de “*mil anos*”.

O número “mil” certamente tem valor *simbólico* e não matemático.  $1000 = 10 \times 10 \times 10$  ( $10^3$ ). Mil pode, por isso, ser um “dez” muito *intensivo*. Ora, dez é também o número dos mandamentos de Deus que regulam a vida humana aqui na terra. Por isso, o número “mil” poderá ser uma indicação para o domínio de Deus através do cumprimento dos Seus mandamentos por parte dos homens. Por outro lado, parece que no Apocalipse o número dez pode também estar em conexão com a atuação das potências inimigas, perseguidoras, como se vê em 2,10: “uma tribulação de dez dias” (cf. também 12,3; 13,1; 17,3.12.16: os “dez chifres” do Dragão e da Fera). Neste sentido, os “mil” anos poderão significar que o Dragão com seus demônios, tendo de aguentar um período de “mil” anos sem poder desenvolver sua atividade sedutora e perseguidora, vai então, sendo solto, agir com força centuplicada (100 vezes 10), segundo o que é dito em 20,8-9.

### **Resposta ao 1º e 2º argumentos:**

A interpretação de *Ap* 20,1-6 que apresentamos distingue-se claramente não somente do milenarismo, mas também do assim chamado milenarismo mitigado. Tal milenarismo, como já vimos, realmente não pode se apoiar em 20,1-6, se este trecho do Apocalipse for interpretado corretamente. Não ensinamos uma vinda *visível* de Cristo para os homens aqui na terra, reinando Ele visivelmente na terra (antes da Sua vinda para o juízo final), nem ensinamos uma ressurreição *corporal* dos mártires antes da ressurreição geral de todos os homens, como tampouco ensinamos um reinado deles com Cristo, vivendo eles aqui na terra. A objeção, portanto, não atinge a nossa interpretação.

### **Resposta ao 3º argumento:**

Santo Agostinho tem o grande mérito de ter combatido eficazmente o milenarismo errôneo. Mas a interpretação que ele deu de *Ap* 20,1-6, querendo tirar ao milenarismo sua suposta base na S. Escritura, não pode satisfazer.

Primeiro, conforme o que diz *Ap* 20,1-6, a “primeira ressurreição” certamente não é a ressurreição espiritual da morte do pecado para a vida da graça (batismo), aqui na terra.<sup>31</sup> Tal interpretação é uma amplificação do conceito de “primeira ressurreição” que *não tem sua base no que está escrito no Apocalipse*. Não se pode aduzir *Jo* 5,24-29 para dar tal interpretação a um texto do Apocalipse quando este texto não corresponde a tal interpretação, pois os que “ressuscitam” são os que creram em Jesus e, por isso, foram mortos aqui na terra (morte física); não são os que vivem aqui na terra!

O Apocalipse fala expressamente de “primeira ressurreição” e de “segunda morte”. Daí se conclui que há uma “segunda ressurreição” e uma “primeira morte”. Ora, a “segunda morte” é “o lago de fogo e de enxofre” (20,14-15); a “primeira morte” é, por conseguinte, a morte física. A “primeira ressurreição” *pressupõe* – conforme o que está dito expressamente em 20,3 – *essa “primeira morte”, a morte corporal*. A “primeira ressurreição”, por sua vez, vem antes da “segunda ressurreição”. Esta é a ressurreição corporal.<sup>32</sup> Esta ressurreição corporal não tem como característica específica sua a de *preservar da “segunda morte”* (cf. 20,12-15); é, porém, a *característica da “primeira ressurreição”, que é uma ressurreição espiritual daqueles que foram mortos (com morte física, a “primeira morte”): a vida gloriosa das almas dos defuntos*.

Segundo a interpretação de Santo Agostinho, *no tempo todo da Igreja* (com exceção do período final) o *Diabo está acorrentado e guardado no abismo* (*Ap* 20,3). Como pode ser assim, se São Pedro (*1 Pd* 5,8-9) admoesta os cristãos do seu tempo: “Sede sóbrios e vigilantes! O vosso adversário, o Diabo, anda em redor *como um leão que ruge, procurando a quem devorar*. Resisti-lhe, firmes na fé”?

Em verdade, pode-se responder a esta objeção o seguinte: o Diabo é como um cachorro acorrentado. Ele não pode fazer mal a quem não se aproxima dele. Em outras palavras: embora o adversário exista e continue

---

<sup>31</sup> Ver o que foi dito na “resposta”.

<sup>32</sup> Cf. 20,12: “vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono”.

a agir,<sup>33</sup> ele é, por si mesmo, incapaz de prejudicar os fiéis de Cristo. Os predestinados, inscritos no livro de vida do Cordeiro (Ap 20,12.15), não se subtraem às tentações, mas poderão escapar da sedução.

Isto é verdade, sem dúvida; aliás, é o que diz o próprio livro do Apocalipse (12,11). Mas, o que diz Ap 20,3? O que fez o Anjo com o Diabo? Ele “o acorrentou por mil anos. E o jogou no abismo, que *trancou à chave e lacrou* para que não seduzisse mais as nações, até que se completassem os mil anos.” As imagens usadas nesta visão são tão fortes que não se pode falar somente de um “acorrentamento *em certo sentido*”. Se, porém, se pergunta em que sentido o Diabo está acorrentado e guardado no abismo, se deve responder, conforme o texto do Apocalipse: no sentido de ele *não mais poder seduzir as nações!*

Ora, pode-se afirmar isto de *todo* o tempo da Igreja (com exceção do período final)? Nos primeiros séculos – e em outros – da história da Igreja, o Diabo não seduziu as nações? E não as levou a perseguir os discípulos de Cristo?! Como então o Diabo pode ser considerado acorrentado e guardado no abismo – o acorrentamento e a prisão conforme o que diz realmente Ap 20,3 e não conforme o que também seria concebível! – em todo esse tempo?!

### **Resposta ao 4º argumento:**

Já vimos que esta objeção pode ser feita também à interpretação de Santo Agostinho (cf. resposta ao 3º argumento). Ora, como já foi explicado (na “resposta”), não afirmamos que durante os “mil anos” não possa haver tentação da parte dos espíritos malignos. Justamente, o texto do Apocalipse só fala de o Diabo, o *chefe* dos espíritos malignos ou a principal potência maligna, “não mais” poder “seduzir as nações” (20,3). Isto não significa necessariamente que não possa haver ainda tentação dos homens individualmente por parte de espíritos malignos. Deste modo não haverá naqueles “mil anos” uma condição dos homens *totalmente diferente* daquela que, em geral, está descrita nos livros da S. Escritura (necessidade do combate contra os espíritos malignos).

---

<sup>33</sup> Cf. 1 Jo 5,19; Mt 13,19; Jo 17,15; Ef 6,11.16; 1 Ts 3,5 e 1 Pd 5,8.

### **Resposta ao 5º argumento:**

Respondendo à quinta objeção podemos desenvolver mais o que já foi dito na “resposta”. Nesta já foi apresentada brevemente a interpretação da queda do Diabo em *Ap* 12. Realmente, esta queda está em ligação de causalidade com o mistério pascal de Cristo. Em 12,7-12 são ilustradas, num nível supra-histórico, as consequências da obra redentora de Cristo para Satanás: a sua posição de poder sobre os homens (cf. 12,10: “acusador”) foi profundamente mudada; ele foi derrubado; os redimidos têm o poder de “vencê-lo” “em virtude do sangue do Cordeiro” e do seu testemunho até o derramamento do sangue (o martírio). Eis a ligação de causalidade que de fato existe. De fato, Jesus deu poder aos Seus discípulos sobre os espíritos malignos. De fato, o “mistério da iniquidade” não podia ainda (ao menos no tempo de São Paulo) desenvolver-se plenamente, por causa de algo que o retinha. De fato, Jesus fala, em conexão com Seu mistério pascal, do julgamento de Satanás e de este ser “lançado fora” (cf. *Jo* 12,31).

A questão é, porém, se a prisão do Diabo de que fala *Ap* 20,2-3, realmente apresenta, na forma de uma visão simbólica, aquilo que Jesus realizou por Seu mistério pascal em relação ao poder e à atividade do Diabo.

Ora, se fosse assim, a *sedução das nações pelo Diabo*, de que fala *Ap* 20,3, dever-se-ia ter realizado no tempo *antes da vinda de Cristo*. Com efeito, quando São João escreve no versículo 3: “para que *não* seduzisse *mais* as nações”, está pressuposto que antes dos “mil anos” o Diabo seduzia as nações. E se o acorrentamento, de que falam os versículos 2 e 3 se realizou pelo mistério pascal de Cristo, a sedução das nações de que fala o versículo 3 (“para que o Dragão não seduzisse mais as nações, até que terminassem os mil anos”) realmente deve ter acontecido *antes* da vinda de Cristo. Já vimos, porém, que isto não pode ser. Pois ao período dos “mil anos” necessariamente precedeu o tempo em que os fiéis discípulos de Cristo foram mortos na perseguição pela Fera; isto se deduz claramente da afirmação no versículo 4 (“... decapitados por causa do Testemunho de Jesus ...”). Portanto, a sedução das nações, à qual se refere o versículo 3, aconteceu *no tempo da Igreja*, no tempo *depois* do mistério pascal de Cristo! É o que justamente diz o Apocalipse nos capítulos 12 e seguintes.

O que, então, ensina o capítulo 12, que certamente faz referência ao mistério pascal de Cristo? Este capítulo *não* apresenta um *acorrentamento do Diabo*, mas uma “*queda*” do céu (vv. 7 a 8) *sobre a terra* (vv. 9b e 12b): “O Dragão e seus anjos ... não conseguiram vencer, nem se

encontrou mais o seu lugar no céu. O grande Dragão, a antiga Serpente, chamado Diabo e Satanás, o sedutor do mundo inteiro foi derrubado, e seus anjos foram atirados com ele na terra. ... Por isso alegrai-vos, ó céus e todos os seus habitantes! Mas ai da terra e do mar, porque o Diabo desceu a vós cheio de raiva, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Aqui se trata de um acorrentamento e de uma inexorável prisão do Diabo para que não seduza mais as nações? Certamente que não! O Diabo começa então a perseguir a Mulher (v. 13; cf. v. 6). É verdade que ele não pode atingir a Mulher como tal,<sup>34</sup> mas isto não significa que esteja começando um tempo de reinado da Igreja na terra, durante o qual o Dragão está acorrentado e guardado na prisão do abismo, com a saída lacrada. Além disso, no v. 17, São João escreve: “Cheio de raiva por causa da Mulher, o Dragão começou a *combater* o resto dos filhos dela, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus”. E em seguida é apresentada toda aquela *terrível atividade perseguidora e sedutora* do qual o Dragão é o primeiro responsável.

*Conclusão de tudo isso:*

A sedução das nações de que fala *Ap* 20,3, é aquela de que se fala no Apocalipse a partir do capítulo 12 (sobretudo o cap. 13). Por conseguinte, ela se realiza *no tempo da Igreja*, depois da realização do mistério pascal de Cristo e *antes do “reinado de mil anos”*.

No entanto, poderia alguém ainda dizer: não é assim, pois essa sedução (descrita nos cap. 12 e 13) é aquela de que fala 20,7-8 (a sedução *depois* dos “mil anos”). Isto, porém, poder-se-á sustentar somente se se considerar o acorrentamento de Satanás não como realizado pelo mistério pascal de Jesus Cristo, mas pela paz constantiniana depois do período das perseguições pelo Império Romano. Mas, se for assim, a argumentação pelo mistério pascal de Cristo já não se sustenta.

### **Resposta ao 6º argumento:**

Na “resposta” já foi esclarecida a questão básica da interpretação do Apocalipse: o Apocalipse refere-se, propriamente e como tema principal, aos acontecimentos do *período final* da Igreja (cujas durações não podemos saber), e não ao tempo de São João.

---

<sup>34</sup> *Ap* 12,14-16; a Mulher foge para o deserto como seu lugar de refúgio que Deus dá a ela.

Se se identifica a derrota da Fera e do falso profeta com a derrota do Império Romano em relação ao cristianismo (fim das perseguições, e o cristianismo tornando-se religião oficial do Império Romano), *restringem-se* indevidamente as visões-afirmações do Apocalipse ao *período contemporâneo de São João*.

É claro que os acontecimentos daquele período eram uma *certa prefiguração* do que iria acontecer no período final da Igreja. Mas o foco do olhar de São João é o *período final da Igreja rumo à consumação*, e não simplesmente o período contemporâneo. O “Reinado de mil anos”, portanto, dificilmente poderá ser o tempo a partir da “paz constantiniana” até um tempo em que Satanás de novo for ou foi solto. Se assim fosse, já a partir da paz constantiniana, com seus respectivos efeitos, as duas feras estariam no “lago de fogo e de enxofre” (cf. 19,20).<sup>35</sup>

### **Resposta ao 7º argumento:**

Para responder à sétima objeção precisa-se considerar todo o conjunto das afirmações do Apocalipse a respeito do tema em questão. Para isso é necessário ver particularmente os trechos onde ocorre a palavra *basileia*,<sup>36</sup> *basileuo* (reinar) ou também *basileus* (rei).

Com razão, o livro do Apocalipse já foi chamado “livro de Cristo *Rei*”. Neste livro é apresentada a convicção de fê<sup>37</sup> de que o fim e a consumação de toda a história vão consistir no *estabelecimento definitivo e consumado do reinado de Deus* em toda a criação, a qual vai realizar-se pela vinda do Messias exaltado e Filho de Deus, Jesus Cristo.

Duas coisas estão fora de qualquer discussão:

- Cristo é o “soberano dos reis da terra” (1,5), “o *Rei dos reis*” (17,14; 19,16), que desde a Sua ascensão aos céus (mistério pascal) Se assentou no Seu trono.<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> Cf. também o que diz São João (1 Jo 2,18.22; 4,3.6; 2 Jo 7) a respeito do “anticristo” (no futuro) e dos “anticristos” (no tempo presente), os quais já possuem o “espírito” do anticristo, o qual, no entanto, é uma realidade futura e não contemporânea a São João!

<sup>36</sup> A palavra grega βασιλεία pode ter três significados: realeza, reinado, reino.

<sup>37</sup> Isto é, aquilo que diz a Revelação divina.

<sup>38</sup> Cf. 3,21: “... Eu venci e Me sentei junto do Meu Pai no Seu trono”; 5,6-14; 12,10; 22,1.

- Pela força do Seu mistério pascal e já a partir da realização deste mistério, Jesus Cristo fez dos homens que aderem a Ele um *reino*.<sup>39</sup>

Ora, isto significa já uma certa *participação na realeza de Cristo*, segundo 1,9: “vosso irmão e companheiro na tribulação, na *realeza (basileia)* e na perseverança em Jesus”.

No entanto, no Apocalipse não se fala de um “reinar” dos discípulos de Jesus já a partir da glorificação de Jesus, como também se nota claramente que o exercício da realeza (do poder régio) do “Cordeiro” imolado, mas vivo e vitorioso – isto é, o Seu reinado ou domínio sobre o mundo – *só se realizará e se manifestará aberta e consumadamente nos acontecimentos finais da história* do mundo.<sup>40</sup>

É verdade que o Apocalipse fala também várias vezes de um “*reinar dos fiéis discípulos com Cristo*”. Assim, em 2,26-28, o “vencedor” recebe esta promessa: “Darei poder sobre todas as nações ao vencedor, ao que observar Minhas obras até o fim. E ele vai governá-las com cetro de ferro e quebrá-las como vaso de barro, assim como também Eu recebi o poder de Meu Pai”. Note-se, porém, que se trata daquele que é fiel até o fim (“que observar as Minhas obras até o fim”); a promessa do reinado, portanto, não será realizada senão para aquele que realmente tiver vencido, isto é, que tiver sido fiel até a hora da morte. Por conseguinte, a realização da promessa fica para *depois* da morte.<sup>41</sup>

Muito interessante e significativa é a afirmação de *Ap 5,10*. Trata-se de um cântico dirigido ao Cordeiro: “E fizeste deles para nosso Deus um reino e sacerdotes, e eles reinarão sobre a terra.” Este é o único trecho no Apocalipse em que se fala de um “*reinar sobre a terra*”. O tempo empregado, porém, não é o presente, mas o *futuro*: “reinarão”, enquanto as outras afirmações têm o verbo no *passado* (aoristo): “E fizeste deles

---

<sup>39</sup> Cf. 1,5b-6: “A Ele, que... nos lavou de nossos pecados no Seu sangue, e que fez de nós um reino, sacerdotes para Seu Deus e Pai”; 5,10: “... um reino e sacerdotes...”.

<sup>40</sup> Cf. 11,15: Após o toque da sétima trombeta, São João ouve o primeiro canto de vitória que anuncia o estabelecimento do reinado de Deus e do Seu Cristo sobre o mundo: “Agora o domínio (*basileia*) do mundo é de nosso Senhor e do Seu Cristo, que reinará para sempre!”; 11,17: “Senhor Deus Todo-poderoso, o que é e que era, nós Te damos graças porque assumiste Teu grande poder e reinaste” (= aoristo profético); cf. ainda 12,10; 19,6; 15,3.

<sup>41</sup> O mesmo vale para 3,21: “Farei o vencedor sentar-se comigo no Meu trono, assim como Eu também venci e Me sentei junto do Meu Pai no Seu trono”. Esse trono não é um trono aqui na terra e na vida terrena do “vencedor”.

para nosso Deus um reino e sacerdotes, e eles reinarão sobre a terra”. Portanto, os cristãos já são um reino de sacerdotes, mas somente no *futuro reinarão* sobre a terra. Será que este “*reinar sobre a terra*” se refere ao “*reinado dos mil anos*” do cap. 20?

Quanto a isso, primeiro constatamos que o cap. 20 *não* fala de um reinar dos mártires “*sobre a terra*”; simplesmente diz que eles “reinarão com Ele durante mil anos” (v. 6 e v. 4). Deste reinado em forma definitiva e plenamente consumada São João fala mais tarde, mesmo no fim da descrição da consumação de toda a história da salvação. É em 22,5: “Não haverá mais noite, nem se precisará de luz de lâmpada ou de sol, porque o Senhor Deus a iluminará e eles reinarão para sempre”.<sup>42</sup>

Porém, embora São João não fale de um reinar dos mártires “sobre a terra”, não se deve deixar de levar em consideração este fato: no capítulo 20, São João fala de um reinado de fiéis discípulos de Cristo em relação a um determinado período da história da Igreja. É verdade, como já vimos na “resposta”, que a participação na realeza de Cristo e seu exercício é prometida a todos os “vencedores”.<sup>43</sup> Por isso, precisa-se admitir a conclusão que já tiramos desse fato: a visão de 20,4-6 expõe um *exemplo particular* que não tem significado exclusivo, mas *inclusivo*.

Igualmente já foi exposto (na “resposta”) que esta característica não traz consigo a consequência de o “reinado de mil anos” designar *toda* a história de salvação desde Cristo até o juízo final. Para mostrar isso, argumentamos a partir do que está escrito em 20,1-3 e sua conexão com 20,4. Porém, fica ainda a seguinte objeção: de um lado, apresentamos o “reinado de mil anos” como um determinado e *especial* período na história da Igreja (portanto, não extensivo a toda a história da Igreja), por outro lado, explicamos as características deste reinado como se fossem algo de *comum* a toda a história da Igreja.

Ora, segundo a nossa interpretação, *não todas* as características desse reinado são *comuns* a toda a história da Igreja. O que certamente *não é comum* é o fato do *acorrentamento e da prisão do Dragão* durante o “reinado de mil anos” – e, portanto, as consequências que decorrem deste acorrentamento.

---

<sup>42</sup> Em seguida vem somente ainda o *epílogo* do Apocalipse.

<sup>43</sup> Cf. 2,26-28; 3,21; também 5,10.



A questão a resolver melhor é esta: a “*primeira ressurreição*” é um evento *especial e exclusivo*? Se não é absolutamente exclusivo: em que sentido é e em que sentido não é exclusivo?

Para resolver esta questão, levando em consideração possíveis objeções, precisa-se primeiro lembrar o que já foi dito: a visão de 20,1-6 compõe-se de três partes, que são três visões: 1) vv. 1-3: “Depois disso, *vi* um Anjo ...”; 2) v. 4: “*Vi* então tronos ...”; 3) vv. 4-6: “*Vi* também as almas ...”. A *primeira* parte é a *visão fundamental*, aquela que, por assim dizer, desenha as linhas de marcação ou que constitui o fundo do quadro, enquanto as outras duas partes são um desenho *dentro dessas linhas* de marcação ou *sobre esse fundo* do quadro.

Ora, dentro desse quadro ou dessa perspectiva restrita pode ser apresentada alguma realidade que não é nem totalmente *exclusiva*, nem totalmente *comum*. É claro que se trata da “*primeira ressurreição*”.

Se se entender tal “*ressurreição*” como *ressurreição corporal* que aqueles mártires recebem já como um privilégio muito especial, então será claro que a exclusividade consiste neste aspecto. A dificuldade, porém, está na questão se há realmente base suficiente no texto sagrado (20,4-6) para poder atribuir àqueles mártires esse privilégio de todo especial.

Se, porém, entendermos a “*primeira ressurreição*” assim como foi exposta na “*resposta*”, parece que não há mais algo de *especial* no período dos “*mil anos*”. Esta é, de fato, uma objeção válida e, por isso, a exposição na “*resposta*” precisa de um ulterior esclarecimento.

A “*primeira ressurreição*” é apresentada com três características: “Feliz e santo quem participa da primeira ressurreição!

1. A segunda morte não tem poder sobre eles, mas
2. serão sacerdotes de Deus e do Cristo,
3. e *reinarão com Ele durante mil anos*” (v.6).

Ora, certamente as primeiras duas características não são alguma coisa exclusiva desse período; isto se deduz claramente do próprio Apocalipse (cf. o que foi dito acima).

A terceira característica de “*reinar com Ele durante mil anos*”, porém, parece dever ter algo de especial, porque se refere expressamente ao período de “*mil anos*”. Por outro lado, a participação da realeza de Cristo e de seu exercício (o “*reinar*”) é prometida a todos os “*vencedores*” em geral, e não somente a algum grupo particular. O que há, então, de *especial* no “*reinar*” dos mártires do tempo da perseguição da Fera?

Ora, a todos os fiéis discípulos é prometida a participação do reinado de Cristo no *futuro* (cf. 5,10), não já logo e não já no tempo da sua vida terrena. Note-se que neste trecho (5,10) ocorre pela primeira vez o verbo *basileuo* (“reinar”) tendo como sujeito os cristãos, e ocorre justamente na visão de introdução àquelas visões que se referem ao futuro (abertura dos selos do livro, toque das trombetas...). Só ocorrerá de novo no cap. 20 (vv. 4 e 6) e no cap. 22 (v. 5), exatamente no *fim* daquela parte do Apocalipse que começou com os capítulos 4 e 5.

Portanto, é *somente* no cap. 20, em relação ao assim chamado “reinado dos mil anos”, que é afirmado um *reinado dos fiéis discípulos* de Cristo com Ele, *num determinado período da história da Igreja*. E isto se afirma justamente a respeito dos mártires, daqueles, portanto, dos quais já o cap. 12 (v. 11) disse que venceram o Diabo: “eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e da palavra do seu testemunho, desprezando a própria vida até a morte”.

Ora, o acorrentamento do Diabo (uma derrota sua, embora não seja ainda definitiva), para que não possa mais perpetrar aquela sedução das nações e aquela guerra contra os membros da Igreja, da qual se fala a partir do cap. 12, está intimamente ligado tanto com a precedente derrota da Fera com o falso profeta por parte de Cristo e do Seu exército, como também com o subsequente reinado de mil anos de Cristo com os mártires que são os vencedores sobre a Fera (cf. também 15,2) e sobre o Dragão (cf. 12,11). É exatamente por tal *derrota da Fera com seus sequazes* e pela *derrota do Diabo através de seu acorrentamento e sua prisão* que se manifesta e se efetua o *poder régio (basileia) de Deus e de Cristo* (cf. 11,15-17<sup>44</sup>). Por conseguinte, é exatamente a esta altura que, com toda razão, se fala no Apocalipse também de um *reinar* dos fiéis seguidores de Cristo – não um reinar dos que vivem aqui na terra, mas dos que *morreram* e participam do triunfo do Cordeiro imolado redivivo, que é “Senhor dos senhores e Rei dos reis” (17,14 e 19,16). Parece mesmo que a promessa ao “vencedor” na carta à Igreja de Tiatira (2,26-28a) se refere a esse triunfo de Cristo que está descrito em 19,11-20,6.

Deste modo se torna bem compreensível que, de um lado, já se fale de tal reinar dos “fiéis” (cf. 17,14) *antes* da consumação final e do definitivo

---

<sup>44</sup> “... «O reinado sobre o mundo pertence agora ao nosso Senhor e ao seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre». E os vinte e quatro Anciãos ... prostraram-se com o rosto em terra e adoraram a Deus, dizendo: «Nós te damos graças, Senhor Deus, Todo-poderoso, aquele ‘que é e que era’, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar.»”

estabelecimento do reinado de Deus e de Cristo na terra (21-22,5) e, por outro lado, se fale *apenas* de tal reinar dos fiéis quando se manifestou e realizou de um modo extraordinário a derrota dos grandes adversários do Reino de Cristo na terra (o Dragão com seus dois grandes cúmplices) (19,11-20,3). Então, sim, o brado dos mártires (6,10) é atendido, ainda dentro da história e não somente no próprio fim, ou seja, depois do fim da história.<sup>45</sup>

Deste modo entende-se também a restrição daquele reinado aos “*mil anos*”: “reinarão com Cristo durante mil anos”. Por que este espaço de mil anos? Porque é o espaço de tempo indicado para o *acorrentamento do Dragão*! Este acorrentamento do Dragão (com a precedente derrota dos seus grandes colaboradores) de que falam os versículos 1-3, recebe justamente nos versículos 4-6 a sua interpretação em relação a Cristo e aos Seus fiéis seguidores: o estado das coisas na terra que surgiu pelo acorrentamento do Dragão tem o significado de uma *tomada de poder espiritual* da parte de Cristo e dos Seus “santos” (cf. 13,7) após aquele enorme aumento de poder das potências infernais que havia antes!

Eles, portanto, “reinarão” enquanto o Dragão estiver aprisionado. Embora este “reinar” não seja dos que vivem aqui na terra, eles deverão, de alguma maneira especial, ter influência sobre os acontecimentos do Reino de Cristo na terra. Neste sentido, já poderá ser, de algum modo, um cumprimento do que foi anunciado em 5,10: “Fizeste deles para nosso Deus um reino e sacerdotes, e *reinarão sobre a terra*”. Quando o Dragão, “depois de se completarem os mil anos” (cf. 20,3), for *solto* de novo, acabará também aquela maneira de “*reinar*” dos mártires com Cristo.

Assim se pode entender que na “primeira ressurreição” há algo de *especial e exclusivo* e, ao mesmo tempo, há algo de *inclusivo* ou *comum* a todos os fiéis discípulos de Cristo em todos os tempos. Afirmamos essa parte comum porque o próprio Apocalipse o afirma; afirmamos também o *especial*, sem, no entanto, ter que admitir que a “primeira ressurreição” seja uma ressurreição corporal dos mártires.

---

<sup>45</sup> Sob os mártires de que fala *Ap* 20,4 pode-se entender os mártires de todos os séculos anteriores, também daqueles séculos nos quais o “mistério da iniquidade” não se manifestou ainda com aquela força extraordinária descrita no cap. 13 do Apocalipse.

### **Resposta ao 8º argumento:**

É verdade que na história da Igreja há sempre de novo mártires que entram na glória e reinam com Cristo (no céu), como também há períodos de relativa paz e de florescimento da Igreja. É o que já foi mencionado na “resposta”: pode haver certas *antecipações*, mas não é assim que o acontecimento como tal se possa repetir muitas vezes.

É igualmente verdade que, desde o tempo de São João, houve homens que possuíram o “espírito” (o modo de pensar e agir) do “Anticristo”, como escreve o próprio São João (*1 Jo* 4,2-3.6; 2,18.22; *2 Jo* 7), e, por isso, já o seu tempo tinha a qualidade de “última hora” (*1 Jo* 2,18). Mas São João também *distingue* entre os “anticristos” *contemporâneos* e o “Anticristo” *futuro*. Os anticristos são certas antecipações do futuro Anticristo, enquanto são, de alguma maneira, portadores do seu “espírito”, amostras do que virá a ser o Anticristo.<sup>46</sup>

É o que se pode notar também em São Paulo. Embora ele diga também que o “mistério da iniquidade” *já* está agindo (*2 Ts* 2,7), ele apresenta igualmente com certa nitidez a figura do “Homem da iniquidade” (*2 Ts* 2,3-12) que aparecerá apenas *pelo fim* da história.

Por conseguinte, o “Anticristo” ou o “Iníquo” não se multiplica, não aparece muitas vezes durante a história, mas há certas antecipações, prefiguras<sup>47</sup> daquela manifestação *plena, fortíssima e muito ampla* da ação diabólica mais pelo *fim* da história.

Ora, como foi dito na “resposta”, as visões do Apocalipse têm como foco o período final (que pode abranger séculos), e não o período inicial ou algum período intermédio da história da Igreja, embora – justamente por se tratar de imagens e não de conceitos precisos – inclua no seu olhar também as antecipações de que falamos.<sup>48</sup> Quando dizemos que as visões do Apocalipse têm como “foco” o período final, dizemos justamente que se inclui também os períodos anteriores desde a realização inicial do Reino

---

<sup>46</sup> Para Santo Irineu, o Anticristo será a recapitulação de toda maldade, iniquidade, engano, apostasia (*Adv. haereses*, V,25,1 e 5; 28,2; 29,2; 30,1).

<sup>47</sup> Tais prefiguras são, p. ex., os Césares perseguidores dos primeiros séculos da era cristã.

<sup>48</sup> Quanto ao cap. 17 (particularmente v. 9) do Apocalipse, veja E. SCHICK (em: *Echter-Bibel, Das Neue Testament*, herausgegeben von Professor DDr Karl Staab, Die Apokalypse, EchterVerlag Würzburg 1968, p.81): “A camada dupla da profecia é reconhecível nitidamente. História contemporânea está aqui sendo esclarecida à luz que se projeta sobre ela a partir da história final.”

de Cristo na terra, isto é, na Sua Igreja. Já desde então começa o “tempo final” e, com ele, o conflito entre o Reino de Cristo e o reino de Satanás na história da humanidade.

Podemos, portanto, concluir que o argumento apresentado não justifica estender o “reinado de mil anos” a *todo* o tempo da Igreja. Do contrário, o Diabo deveria muitas vezes ser acorrentado e de novo solto. Ora, não é isto o que diz o Apocalipse. Ele fala de *dois* prazos, e não de muitos.

### **Resposta ao 9º argumento:**

Em primeiro lugar, deve-se considerar o seguinte fato:

Os vários escritos da Bíblia estão certamente em conexão uns com os outros, pois Deus é o seu autor principal. Mas também há as *diferenças* entre eles; diferenças não somente de estilo, mas também de pontos de vista. Deste modo, há também (não contradição, mas) *complementaridade* entre uns e outros, uma complementaridade que poderá até, à primeira vista, parecer oposição.<sup>49</sup> Mas somente pode haver oposição quando não se compreende bem um ou outro e/ou se absolutiza o ponto de vista particular de um contra o outro.

Notemos primeiro a diferença na *designação* das forças ou pessoas inimigas de Cristo. O Apocalipse fala de forças demoníacas, como são o “Dragão”, a “antiga Serpente”, o “Diabo”, “Satanás” e “seus anjos”, e ainda particularmente as duas “feras”, ou seja, a “Fera” e o “falso profeta”. Em suas duas cartas, São João fala do “Anticristo” (1 Jo 2,18.22; 4,3-4; 2 Jo 7). São Paulo, por sua vez, fala do “Homem da iniquidade” ou simplesmente do “Iníquo” por antonomásia (2 Ts2,3.8).

Certamente, há motivos para ver no “Homem da iniquidade” de São Paulo o “Anticristo” de São João; e a “Fera” e o “falso profeta” são certamente forças anticristãs e iníquas, que podem encontrar numa determinada pessoa humana a sua manifestação singular.

Vejamos, então, o que dizem São Paulo e São João a respeito do *momento* da aparição dessas forças ou dessa pessoa inimiga.

São João fala do “Anticristo” como de um adversário dos últimos tempos, mas *não* se pronuncia a respeito do *momento* da vinda dele com relação ao fim da história humana: “Filhinhos, é chegada a última hora.

---

<sup>49</sup> Cf. a questão da justificação: uma aparente oposição entre São Paulo e São Tiago.

Ouvistes dizer que o Anticristo deve vir; e já vieram muitos anticristos: daí reconhecemos que é chegada a última hora” (1 Jo 2,18). São João, portanto, não diz que virá o Anticristo e então se seguirá logo o fim do mundo.

Na segunda carta aos Tessalonicenses, o Apóstolo Paulo fala da “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” e da “nossa reunião junto dele” (2,1), do “dia do Senhor” (2,2). Ele afirma, então, que este Dia do Senhor não está já chegando (v. 3). A razão é a seguinte: “É preciso que, *primeiro*, venha a *apostasia* e se revele o *Homem da iniquidade*, destinado à perdição, o Adversário, aquele que se levanta contra tudo que se chama deus ou que se adora, a ponto de se assentar no Santuário de Deus, proclamando-se deus” (vv. 3-4). Além disso, São Paulo diz que existe algo “que atualmente retém o Adversário, de maneira que ele se revele somente na hora devida” (v. 6). Mas quando o obstáculo atual for afastado, “ele se revelará” (vv. 7-8). São Paulo diz ainda que “a vinda do Iníquo se dará pela ação do Satanás, com toda espécie de milagres e sinais e prodígios enganadores, e com todas as seduções da iniquidade para aqueles que estão a se perder, por não terem acolhido o amor da verdade que os teria salvo” (vv. 9-10). Esse Iníquo, porém, é “destinado à perdição” (v. 3), pois “o Senhor Jesus o matará com o sopro de Sua boca e o destruirá com o resplendor da Sua vinda (ἐπιφανεία τῆς παρουσίας αὐτοῦ)” (cf. v. 8). Vê-se que, de fato, nesse “Iníquo” se pode reconhecer o “Anticristo”.<sup>50</sup>

Agora a pergunta é a seguinte: este aniquilamento do Iníquo por parte de Cristo, com “o sopro de Sua boca” e o “resplendor” ou a “manifestação da Sua vinda”, precede imediatamente o fim do mundo, com a ressurreição corporal universal e o juízo final? Entre o aniquilamento do Iníquo ou Anticristo e o juízo final não pode haver ainda algum espaço de tempo, um período da história da Igreja? É possível negar esta possibilidade, se na mente de São Paulo a palavra *παρουσία* necessária e exclusivamente significa a vinda de Cristo para o juízo final.

A “*parousía*” significa a vinda, a chegada, a presença de alguém. Nas cartas de São Paulo, esta palavra não é somente aplicada a Cristo, mas também a outras pessoas. Em 2 Cor 7,6-7, p. ex., São Paulo fala da *parousía* de Tito e, em Fil 1,26 e 2,12, da sua própria *parousía* na comunidade

---

<sup>50</sup> A “Bíblia de Jerusalém” diz no seu comentário a 2 Ts 2,3-4: “Na tradição cristã influenciada por Daniel [Dn 11,36], esse adversário recebe o nome de anticristo”.

de Filipos; em *2 Cor* 10,10 fala também da “*parousía* do corpo”, isto é, da sua “presença física” na comunidade.

Ora, em *2 Ts* 2,8, o Apóstolo fala do “resplendor” ou da “manifestação” da *parousía* do Senhor. Não é, portanto, uma presença escondida do Senhor, mas, de alguma maneira, manifestada. Por outro lado, o Apóstolo não diz que tal manifestação da presença do Senhor se identifica com Sua vinda para o juízo final, com aquela vinda, portanto, da qual o Senhor Jesus mesmo falou:

O Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus Anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a sua conduta. (*Mt* 16,27)

Aparecerá, então, no céu, o sinal do Filho do Homem. Então todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com grande poder e glória. Ele enviará seus Anjos com uma grande trombeta; ao seu toque, os eleitos serão reunidos dos quatro cantos da terra, de uma extremidade dos céus à outra. (*Mt* 24,30-31)

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os Anjos, ele se assentará em seu trono glorioso. Todas as nações da terra serão reunidas diante dele, e ele separará uns dos outros, ... (*Mt* 25,31-32).

Desta vinda de Jesus fala também São João no Apocalipse: “Olhai! Ele vem com as nuvens! Todo olho O verá, e também aqueles que O transpassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão por Sua causa” (1,7).

Ora, em *Ap* 19,11-16, Cristo *não* é visto por João como vindo com as nuvens do céu, mas sim, como guerreiro (cavaleiro) que combate Seus inimigos. Como já vimos a respeito de certas características do “reinado de mil anos”, também a visão de 19,11-21 tem seu valor para o conjunto da história da Igreja, a qual, apesar de todas as perseguições que sofre, continua a subsistir pela força da Palavra de Deus.

A este respeito, pode-se pensar no testemunho que Jesus deu diante do Sinédrio: “Eu vos digo que de agora em diante vereis o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (*Mt* 26,64). Aqui, Jesus fala de uma vinda Sua “de agora em diante”, não uma vinda apenas *uma única vez* no futuro, mas uma vinda, por assim dizer, constante. “De agora em diante”, Ele será o Messias, o Filho de Deus *exaltado* para a Direita de Deus (cf. *Ap* 3,21: “estou sentado com meu Pai no Seu trono”) e vindo sobre as nuvens do céu. É uma vinda que *se manifesta* (“vereis”) no estabelecimento do Reino de Deus na terra (a presença e expansão da Igreja). Assim, também em *Ap* 19,11-16, São

João não descreve o que os homens na terra verão, mas o que *ele viu*<sup>51</sup>, e o que terá sua manifestação nos eventos na terra.

Por conseguinte, a visão de Cristo montado em cavalo branco e dos santos Anjos, igualmente em cavalos brancos, para o castigo da Fera e do falso profeta com seus sequazes, pode se referir àquele acontecimento que São Paulo descreve como a destruição do “Iníquo” pela “manifestação da Sua vinda” (2 Ts 2,8). E esta manifestação da Sua presença não será já a vinda final do Filho do Homem sobre as nuvens do céu. Quando Cristo aparecer sobre as nuvens do céu, os mortos ressurgirão (cf. Jo 5,28-29) e serão julgados (cf. Ap 20,11-15). Então começará – não o reinado de mil anos, mas – o Reino eterno de Deus Pai e de Cristo (cf. Ap 21 e I Cor 15,28).

Vale a pena citar aqui o que escreve São Paulo na primeira carta aos Coríntios (I Cor 15,23-26):

Mas cada um [será vivificado] na sua ordem: como primícias, Cristo, depois os que são de Cristo, na Sua vinda. Em seguida será o fim, quando Ele entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo principado, toda potestade e todo poder. Porque é preciso que Ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de Seus pés. O último inimigo a destruir é a morte.

Este “pôr tudo debaixo de Seus pés” pode realizar-se *em etapas*; a expressão “que Ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de Seus pés...” parece até sugerir isto.

Deste modo, o último inimigo vencido será a *morte*, e será vencido pela *ressurreição corporal*. Antes da ressurreição corporal e o juízo dos homens haverá já o juízo sobre os demônios. Conforme Ap 19,20 e 20,10, o chefe de todos os demônios, o “Diabo” ou “Dragão”, é (juntamente com todos os demônios que participaram da sua atividade sedutora) lançado no “lago de fogo e de enxofre”, depois de dois dos seus colaboradores mais poderosos<sup>52</sup> já antes terem sido lançados para lá.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Como o diácono Estêvão – não os membros do Sinédrio – teve a *visão* de Jesus exaltado: “Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (At 7,56).

<sup>52</sup> As duas “feras” deverão significar dois seres demoníacos, já que o chefe dos demônios é apresentado como uma fera, isto é, como “dragão”.

<sup>53</sup> No Apocalipse, a execução do juízo é apresentada como um *juízo sobre a Babilônia*, sobre a *Fera* (com o falso profeta), sobre o *Dragão* e, afinal, sobre os *homens* (cap. 17-18; 19,11-21; 20,1-10; 20,11-15).



Considerando tudo isso, se chega à conclusão que na “manifestação” da *parousía* de Cristo, da qual fala São Paulo em *2 Ts* 2,8, não é necessário ver já o fim do mundo, ou seja, a vinda de Cristo para a ressurreição de todos os mortos e o juízo final; aquilo, portanto, de que fala *Ap* 20,11-15. Portanto, entre a derrota do “Iníquo” ou “Anticristo” pelo Senhor Jesus Cristo e o fim do mundo pode haver ainda um período que no Apocalipse é descrito como um “reinado de mil anos”.

Quanto a isso, consideremos ainda uma observação de São Tomás de Aquino.<sup>54</sup> Ao se perguntar se à vinda do Senhor para o juízo precedem alguns sinais, ele se faz uma objeção que tem como base *1 Ts* 5,3: “Quando os homens disserem: «Paz e segurança», então, de repente, cairá sobre eles a ruína”. Daí ele objeta: não haveria paz e segurança, se os homens estivessem cheios de medo por causa dos sinais precursores da vinda do Senhor para o juízo. A esta objeção S. Tomás dá duas respostas possíveis. Na segunda resposta, ele diz que todos aqueles sinais precursores do juízo poderão acontecer *imediatamente* antes do dia do juízo. Por conseguinte, antes de aparecerem esses sinais, os ímpios acharão que estão em paz e segurança, por não verem o mundo acabar logo depois da morte do Anticristo, como primeiro pensavam. São Tomás admite, portanto, que *após a derrota do Anticristo* possa passar *ainda algum tempo antes da vinda de Cristo para o juízo final*, um tempo de *tal duração* que possa fazer pensar os homens que a vinda de Cristo para o juízo final não esteja iminente, pois dizem: “paz e segurança” (cf. com isso *Mt* 24,37-42).

Nathanael Thanner ORC

---

<sup>54</sup> *S.Th. Suppl.* q. 73, a. 1, ad 1 (= *IV Sent.*, dist. 48, q.1, a.4, q.1a 1).

# Índice

Questão: .....	6
Argumentos:.....	6
Porém:.....	9
Resposta:.....	10
Resposta ao 1º e 2º argumentos: .....	21
Resposta ao 3º argumento:.....	22
Resposta ao 4º argumento:.....	23
Resposta ao 5º argumento:.....	24
Resposta ao 6º argumento:.....	25
Resposta ao 7º argumento:.....	26
Resposta ao 8º argumento:.....	32
Resposta ao 9º argumento:.....	33